

Heroísmos, trabalho, cansaço e o desafio da transformação

Crítica do espetáculo *A Jornada de um herói*

Por Daniel Toledo

"Quando acordei eu pensei: estou tão pobre. Não consigo pagar para ir e assistir uma peça, então Deus me manda esses sonhos para minha alma dolorida.

Ao Deus que me protege, eu mando meu agradecimento."

Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo*

Pobreza, analfabetismo, insegurança alimentar, exploração do trabalho e dificuldade de acessar direitos, instituições e políticas públicas são certamente questões muito importantes quando nos voltamos a problematizar a realidade social do nosso país, seja a partir de uma perspectiva estatística, histórica ou fenomenológica.

A respeito de uma perspectiva fenomenológica, aliás, podemos nos lembrar da trajetória da escritora, compositora, cantora e poeta Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Nascida em uma comunidade rural de Minas Gerais, pouco tempo após a abolição da escravidão no país, a menina preta e pobre era filha de pais analfabetos, mas aprendeu a ler e escrever ainda criança, a partir de um arranjo feito com os patrões de sua família. Nos anos 1950, enquanto catava papel nas ruas de São Paulo e cuidava sozinha de três crianças, produziu preciosos registros e reflexões sobre a sociedade brasileira, sendo hoje reconhecida como uma das mais importantes escritoras do país. Aos olhos de muita gente, uma heroína.

Por outro lado, ainda hoje, pesquisadoras e pesquisadores contemporâneos, geralmente vinculados a instituições públicas e privadas, continuam se dedicando a analisar as mesmas questões. Do alto de algum nível de privilégio, têm apontado, geralmente à distância, uma franca tendência de desenvolvimento social – algo talvez um pouco difícil de se perceber a olho nu, quando continuamos a conviver, nas grandes cidades, com um grande contingente de pessoas vivendo em situações precárias e aparentemente difíceis de se transformar. Mas sempre existiu a possibilidade de transformação – e arrisco dizer que sempre existirá.

Com dramaturgia e atuação de Mateus Amorim e direção de Alexandre O. Gomes, ambos integrantes da Cia. Atores da Fábrica, o espetáculo *A Jornada de um herói* nos convida a pensar, a partir de uma narrativa ficcional, sobre cada uma dessas questões. Criada em 2005, na Baixada Fluminense, a companhia reúne alunos e ex-alunos da ONG Fábrica dos Atores e Materiais Artísticos e tem se dedicado – certamente em meio a muitos desafios concretos – à criação de oportunidades de formação e trabalho para jovens da periferia.

José, o personagem cuja saga acompanhamos em *A Jornada de um herói*, provavelmente nunca foi ao teatro. Sua vida se resume ao trabalho. Funcionário de uma carvoaria e também ajudante de pedreiro, dedica suas horas a atividades duras para as quais a única recompensa corresponde ao salário injusto que recebe ao fim da jornada. Sabemos que ele tem uma família, com esposa e filhos, mas não sabemos o que eles fazem nos fins de

semana. É possível que apenas descansem, já que de segunda a sexta (ou sábado? ou domingo?) há muito pouco tempo para descansar.

O cansaço e a necessidade de descanso servem como estopim à saga do personagem, demitido da carvoaria após contestar a redução do período de almoço. Ao contrário do que se poderia pensar, José não é um sindicalista: é apenas mais uma pessoa cansada. Oprimido, como muitos de nós, pelo ritmo imperativo da produtividade, a personagem entra em conflito com seu superior e é encaminhado ao setor de recursos humanos da empresa. A partir de então, enfrenta a missão de atravessar a cidade para ter acesso a um prometido "fundo de garantia" cujo valor só descobriremos ao final do espetáculo.

Como permanente moldura conceitual e cenográfica para a saga da personagem, dramaturgia e encenação nos apresentam uma sistematização elaborada pelo mitólogo, escritor e professor estadunidense Joseph Campbell (1904-1987), trazida dos anos 1940, de "uma cidade muito longe daqui". Nascido em uma família de classe alta, que lhe permitiu o acesso a universidades da França e da Alemanha, Campbell ficou conhecido por seus estudos em torno de mitos relacionados a diferentes religiões e tradições culturais. Segundo suas pesquisas, conforme ouvimos no prólogo da peça, haveria algum nível de recorrência narrativa em muitos desses mitos: seriam doze passos desde "o mundo comum" e "o chamado da aventura" até "o retorno do elixir" e "a ressurreição". José, nosso herói, certamente não faz ideia do sentido da palavra elixir (e nem teria tempo para se preocupar com isso). Na obra de Campbell, elixir seria um tipo de recompensa.

Iniciada, portanto, na sala de recursos humanos, onde uma funcionária possivelmente tão oprimida e exausta quanto ele despeja em seus ouvidos um falacioso discurso motivacional, a saga de José inclui ainda a precariedade do transporte público, a violência, o preconceito e as mazelas dos centros urbanos, a excessiva burocracia das instituições financeiras e, por fim, o injusto sistema econômico que tradicionalmente rege as relações de trabalho.

Em cada um desses espaços, por mais que enfrente grandes desafios, José não se destaca por qualidades geralmente associadas a heróis e heroínas, como o altruísmo, a perspicácia ou a coragem. Exaurido pelo cansaço do trabalho, ele apenas segue as orientações recebidas ao longo do caminho, tentando, a duras penas, manter de pé sua integridade e determinação. Tais virtudes, contudo, parecem não ser suficientes para mobilizar algum tipo de transformação interior ou exterior. Corroboram, em vez disso, a mera manutenção de uma ordem social que não se cansa de ser injusta, violenta e desumanizante. Ao fim da história, não sabemos ao certo o que José aprendeu.

Parece haver, por outro lado, algo de heróico na performance do ator Mateus Amorim, que ao longo de cada apresentação encarna um sem número de personagens, experimentando intencionalmente registros de atuação tão díspares quanto o naturalismo e a *commedia dell'arte*. Além disso, ele dá vida a um irreverente narrador, sempre muito atento e crítico aos acontecimentos do palco e da plateia. Durante as interações com o público, flerta com recursos de palhaçaria; em numerosas passagens musicais, vai de batidas de rap, funk e samba, produzidas usando a própria voz e o mesmo cajón, a cantos solenes, quase ritualísticos.

Apoiando-se na onipresente contrarregragem de Karen Menezes (que por vezes acumula funções de iluminação), a montagem também traz à cena tanto recursos do teatro de sombras quanto do teatro de objetos, paralelamente a uma periódica reconfiguração espacial de três grandes painéis que integram a cenografia, muitas vezes executada pelo

próprio ator. Nisso tudo há bastante trabalho. Talvez José pudesse se identificar com Mateus, se tivesse a oportunidade de ir ao teatro.

Afinal, tal qual acontece na rotina da personagem, também parece pairar sobre a montagem um forte ímpeto de produtividade – convertida, no palco do teatro, em exibição de habilidades. Em sua jornada de atuação, Mateus dá vida a um amplo corpo social, colocando-se como um ator-coletivo, um ator-legião, "um job atrás do outro". Em meio a tantas linguagens e tantas transições, há poucos respiros para o público e pouco tempo para contemplação; há muito trabalho e pouco espaço para subjetividade.

Mesmo considerando que o ritmo acelerado integra a poética do espetáculo, por vezes uma impressão de pressa parece ofuscar algumas nuances e imagens sugeridas pela narrativa. Desenvolvida a partir de uma bem sucedida cena curta, *Jornada de um herói* por vezes se aproxima de uma longa sequência de apressadas esquetes. Ao incorporar a ética do sistema produtivista, oferece ao público uma peça sem tempo para descanso.

Sobre isso, destaco um momento notável: ao simultaneamente narrar e representar uma confusão desencadeada pela disputa de um assento vazio no ônibus, Mateus dá voz ao condutor do veículo. "Motorista não é motor!" é o que diz o personagem – em meio a outras pessoas tão exaustas quanto ele. A dita frase, com sua carga poética, reverbera no silêncio de alguns segundos: tempo suficiente para que talvez se ampliem sentidos e interpretações.

Em *A Jornada de um herói*, como reza a cartilha do teatro épico, os personagens são apresentados a partir de suas posições e relações sociais – e não de suas subjetividades, como talvez se pudesse esperar. Nessa mesma toada, em alguns momentos da peça, também nós, espectadores, somos convocados a pensar sobre as diferentes posições que ocupamos na sociedade. Você sabe quantas pessoas cabem em um ônibus lotado? Quanto tempo você gasta no trajeto desde a sua casa até o trabalho? Perceber com entusiasmo um assento vazio no ônibus é um acontecimento que faz parte da sua rotina ou não passa de uma memória, uma abstração?

Entre passagens visivelmente alegóricas e outras repletas de concretude, o desenrolar da narrativa acaba deixando em segundo plano a ideia de comprovar, a partir da história de José, a validade da sistematização proposta por Joseph Campbell. Ainda no prólogo do espetáculo, aliás, já havíamos sido alertados sobre a artificialidade de arranjos como aquele. Previamente anunciado, portanto, o descolamento entre a mítica jornada do herói e a dura jornada da personagem não tarda a se concretizar.

Fato é que José, nosso herói de poucas virtudes e pequenos feitos, retorna à casa sem as recompensas previstas segundo o sistema elaborado pelo longínquo escritor. Em vez disso, como elixir, leva somente um punhado de farinha nas mãos. Por ora, como num possível eco das palavras de Carolina Maria de Jesus, ele encontra apenas nos próprios sonhos – ainda não na realidade – o alimento necessário para manter de pé sua determinação.

Daniel Toledo é dramaturgo, crítico e pesquisador em artes cênicas e artes visuais.